

FRENTE: FILOSOFIA

PROFESSOR: JOÃO SARAIVA

EAD – MEDICINA

AULA 5

ASSUNTO: A HISTÓRIA DA FILOSOFIA (RENASCIMENTO E MODERNIDADE)



Resumo Teórico

4º Período: Filosofia da Renascença (século XIV ao século XVI)

Surgiu entre os séculos XV e XVI, em uma época conhecida como Renascença ou de Humanismo Renascentista, que não apenas influenciou a filosofia, mas seus ideais foram determinantes também nas artes plásticas, valorização do homem – liberdade e criatividade; é o momento em que se rompe com a visão sagrada e teológica na arte, no pensamento, na política, na literatura e em toda a sociedade.

Esse foi um período de transformação cultural na mentalidade da sociedade europeia, durante a passagem do feudalismo para o capitalismo mercantil, a ascensão da burguesia e o descobrimento de novos continentes, além das reformas religiosas (luteranismo, calvinismo, anglicanismo).

Contrariamente às Filosofias Patrística e Medieval, a Filosofia da Renascença libertou-se do jugo da Igreja, baseando seus princípios na racionalização e na ciência. Outro diferencial é que passou da teologia para o antropocentrismo, que significou a ruptura com a tradição anterior cristã (fundamentada em Deus), e passou-se a valorizar o homem ao invés da espiritualidade por si só. Sendo assim, ocorreu a revalorização da filosofia greco-romana. Valorizou-se o homem e rompeu-se com o pensamento teocêntrico (Deus como o centro de tudo) e a ciência antiga. Revelou-se, desta forma, uma filosofia revolucionária, por ser contra os poderes da Igreja e do imperialismo.

A Idade Moderna traz a proposta de uma nova ordem, rejeitando a autoridade imposta pelos costumes e pela hierarquia (da nobreza e da Igreja), em favor da recuperação do que há de virtuoso, intuitivo e espontâneo na natureza humana. Surge um novo estilo com nova temática.

É o momento de novos pensadores e artistas, tais como Leonardo da Vinci, William Shakespeare, Rafael, Maquiavel, Michelangelo, Montaigne, Dante, Marcílio Ficino, Giordano Bruno, Campanella, Erasmo, Thomas Morus, Jean Bodin, Kepler, Nicolau de Cusa etc.

Essas transformações na maneira de pensar e ver o mundo são resultado de várias condições históricas no mundo europeu. Entre elas, pode-se destacar:

- O Humanismo Renascentista (século XV);
- A descoberta do Novo Mundo (século XV);
- A Reforma Protestante (século XVI);
- A revolução científica (século XVII);
- Desenvolvimento do mercantilismo e ruptura da economia feudal;
- Grandes núcleos urbanos e a invenção da imprensa.

O Humanismo Renascentista (século XV)

Nasceu na Península Itálica, sendo um período de transição entre a Idade Média e a Moderna. Rompeu com a filosofia cristã da escolástica medieval e valorizou o saber dos gregos antigos, retomando a concepção do **humanismo**.

O período medieval, anterior, foi marcado por uma forte visão hierárquica e religiosa de mundo, em que a arte está voltada para o sagrado, filosofia está vinculada à teologia e à problemática religiosa.

O homem e seus atributos de liberdade e razão passaram a ser importantes novamente, e não apenas o mundo divino.

Nas artes predominam os temas pagãos, afastados da temática religiosa. É a arte voltada para o homem comum, não mais reis e santos. Valoriza-se o corpo e a dignidade humana.

Destacam-se:

- Thomas Morus (1477-1535):** Utopia, que em grego significa “lugar que não existe”, é o nome de uma obra literária escrita por Thomas Morus (ou Thomas More), sendo esta caracterizada na atualidade como uma viva amostra do humanismo do Renascimento. Esta descreve-nos a forma e a essência de uma concepção teórica de um Estado perfeito, onde a liberdade religiosa seria o comum do cotidiano coletivo.

Acreditam alguns críticos que foi ao pensar na sociedade em que viveu que Morus publicou, em 1516, a obra de ficção que constitui uma verdadeira crítica social, política e religiosa à sua época, a Inglaterra dominada pelo rei Henrique VIII. Nela apresenta-nos uma ilha imaginária onde todos vivem em harmonia e trabalham em favor do bem comum. Desde então o termo “utopia” está associado a fantasia, sonho, fortuna e bem-estar, que são aspectos formadores do ambiente utópico onde se desenvolveu a sociedade utopiana, em um país

chamado Utopia, ou Ilha da Utopia, que era dominada pelo rei Utopus: “Os habitantes da Utopia aplicam aqui o princípio da posse comum. Para abolir a ideia da propriedade individual e absoluta, trocam de casa a cada dez anos e tiram à sorte da que lhes deve caber na partilha.”

Utopia é uma obra que, apesar de ter sido pensada no mundo do período renascentista, apresenta questões bem atuais, anseios de acomodação e resolução de problemas que ainda hoje são vividos pelas sociedades da América Latina, África e Ásia.

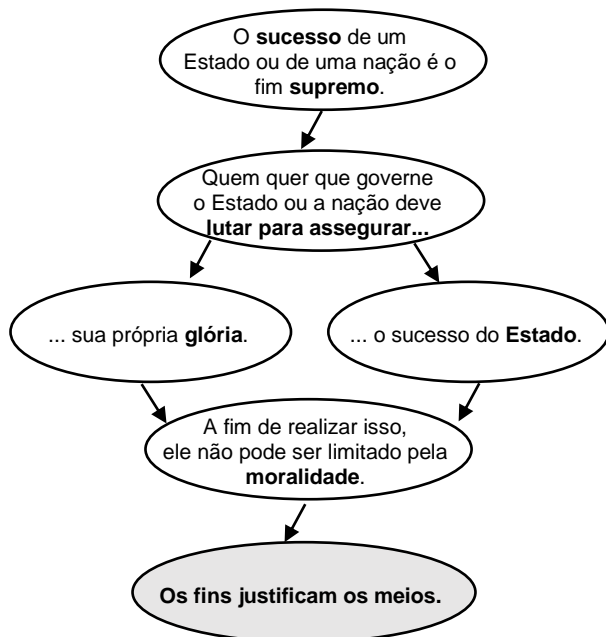
A ausência da miséria, do desemprego, dos impostos altos e a valorização do trabalhador são algumas das principais metas que já naqueles tempos se desejavam alcançar, e que perduram ainda hoje sem que sejam (totalmente) concretizadas:

“Eis o que invencivelmente me persuade que o único meio de distribuir os bens com igualdade e justiça, e de fazer a felicidade do gênero humano, é a abolição da propriedade. Enquanto o direito de propriedade for o fundamento do edifício social, a classe mais numerosa e mais estimável não terá por quinhão senão miséria, tormentos e desesperos.”

MORUS, Thomas. *Utopia*. São Paulo: L&PM, 1997, pág. 81.

Em síntese, *A Utopia* defende a tolerância religiosa, critica o autoritarismo dos reis e da Igreja, favorecendo a razão e a virtude natural.

- **Nicolau Maquiavel (1469-1527):** Há mais de 500 anos (1513), Maquiavel escreveu *O Príncipe*. O livro passou de proscrito a célebre. Seu autor, de renegado, passou a ser reverenciado, inaugurando o pensamento moderno da política, em que faz uma análise do poder como fato político, independentemente das questões morais.



Antes de Maquiavel, os tratados sobre política eram todos envoltos em uma moral cristã, sendo a única maneira concebível de se governar propostas por leituras de textos religiosos.

Ele rompeu com a tradição, separando a moral da política. Se antes o príncipe era um coadjuvante na política frente ao poder do deus cristão, agora o soberano tornou-se atuante sendo quase como uma divisão das ações, o que foi um grande avanço.

O livro, escrito de maneira bem organizada e direta, funciona quase como um guia de autoajuda aos governantes, explicando passo a passo a melhor maneira de manter-se no poder.

Dois conceitos muito utilizados dentro da obra do autor são **virtú** e **fortuna**. Virtú pode ser entendido como força, potência, merecimento ou competência de um governante em conquistar ou/e manter o poder fazendo o que for preciso, diante das necessidades, para alcançar um objetivo. Já fortuna pode ser entendida por sorte; alguém que por força do acaso (ou de Deus, como cita Maquiavel) conquiste o poder ou/e o mantenha graças aos acasos do “destino”.

Para Maquiavel o príncipe deve, após tomar o poder, procurar de todas as formas mantê-lo. Para isso o autor defende o medo como arma de lealdade, pois o amor pode, em pouco tempo, se transformar em frustração, enquanto o temor é mantido pelo receio do castigo.

Entretanto, o príncipe deve evitar de todas as maneiras cabíveis ser odiado por seus súditos. O ódio do povo ocorre quando se ataca a honra e a propriedade destes, salvo isto, um príncipe pode seguir reinando, sendo temido por seus súditos, mas não odiado por eles.

O capítulo XVIII pode não ser o mais importante da obra, nem o mais original, mas ele resume em algumas poucas palavras todo o espírito da obra. Sempre que ela é evocada, vem à tona a máxima de Maquiavel de que “os fins justificam os meios” e é justamente neste capítulo que ela se apresenta da seguinte forma: “nas nações de todos os homens, principalmente os príncipes, o que importa são os fins e, sejam quais forem os meios empregados, serão sempre honrados e louvados”.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. Tradução Maria Júlia Goldwasser, 2ª edição. São Paulo: Martins.

A Descoberta do Novo Mundo (século XV)

Outro fator importante que levou à mudança do pensamento moderno foi a descoberta do Novo Mundo, pois revelou a falsidade e fragilidade da geografia antiga, o desconhecimento da flora e fauna encontradas. Revelou também a falta de conhecimento de outros povos e culturas. Muita coisa precisava ser reformulada.

A ciência antiga perdia a autoridade, era questionada, pois nada explicava sobre a nova realidade e suas narrativas. Acreditava que a “terra era plana”, desconheciam os novos habitantes dessas terras descobertas, sua natureza, sua origem, sua cultura, tão distintas da europeia.

A Reforma Protestante (século XVI)

Martinho Lutero contestou a autoridade da Igreja marcada pela corrupção e passou a valorizar a consciência individual de buscar a própria fé, sem ser pela imposição das verdades dogmáticas. Rompeu com a Igreja Católica e fundou a Igreja Protestante, e representou, assim, a defesa da liberdade individual e da consciência em lugar da certeza, em que o indivíduo fosse capaz de encontrar sua própria verdade religiosa.

A **Reforma Protestante**, portanto, surgiu para questionar e aprofundar a crise moral pela qual passava a Igreja Católica, e também surgiu como expressão do absolutismo; este via no centralismo romano um entrave ao processo do lucro e do pleno desenvolvimento das ideias renascentistas.

“Crise moral da Igreja Católica, acúmulo de grandes propriedades, lucros com as vendas de títulos e indulgências, em suma: ‘vida desregrada, opulência, luxo, venda de relíquias sagradas – lascas da cruz de Cristo às toneladas, dezenas de tábias do jumento de São José – etc.’.”

VICENTINO, Cláudio. *História geral*. 3ª ed. São Paulo: Scipione, 1993. Pág. 197.

Em 1517, Lutero, revoltado, fixou as **95 teses** na porta de sua igreja. Em 1520, o **Papa Leão X** condenou Lutero; este, em resposta, queima a bula papal em plena praça pública, sendo então, excomungado. Negou-se a se retratar, é então considerado herege e só não foi queimado vivo por contar com o apoio de nobres e príncipes da Saxônia.

Variantes do protestantismo: Na Suíça, foi **Calvino** (um francês) quem introduziu as ideias do protestantismo com o nome de calvinismo; na Escócia, o calvinismo foi introduzido por **John Knox** e seus seguidores chamados de presbiterianos; na França, foram chamados huguenotes; e, na Inglaterra, ficaram conhecidos como **puritanos**.

Em 1520, devido à expansão das ideias reformistas de Lutero e seus seguidores (incluídos aí os anabatistas), Carlos V (imperador católico) convocou nova assembleia, a Dieta de Spira, que decidiu tolerar a doutrina luterana nas regiões convertidas, mantendo, porém, a proibição no restante do país. Os luteranos protestaram contra essas medidas, sendo chamados a partir de então de **protestantes**.

Em 1555, surgiu um acordo com Roma – *A Paz de Augsburg* –, em que cada príncipe tinha o direito de escolher a sua religião, bem como a de seus súditos.



A Revolução Científica (século XVII)

Outro fator essencial desse processo de transformação é a revolução científica, que significou o ponto de partida para a ciência nos moldes que conhecemos hoje.

Nicolau Copérnico, no século XVI, defendeu matematicamente que a Terra gira em torno do Sol, rompendo com o sistema geocêntrico de **Ptolomeu** (século II) e inspirado em **Aristóteles**.

A teoria do geocentrismo vigorava há quase vinte séculos e era a maneira pela qual o homem antigo e medieval via a si mesmo e ao mundo. A ciência moderna surgiu quando se tornou mais importante observar e experimentar, ao contrário da visão antiga que partia de princípios estabelecidos e dogmáticos.

É um processo de transição e não uma ruptura radical. Ao longo desse processo, surgiram **Galileu** e **Isaac Newton**, entre outros, que transformaram a visão científica do século XVII seguinte.

O rompimento com a ciência antiga revelou uma concepção de distinto do universo antigo, que é fechado, finito e geocêntrico. A nova ciência propôs o modelo heliocêntrico, e o universo é infinito.

A ciência é ativa, valoriza a observação e o método experimental, une ciência e técnica. A ciência antiga é contemplativa, separa ciência e técnica.

No século XVII, a filosofia e a ciência se separaram. **Galileu**, usando um telescópio, demonstrou o modelo desenvolvido por Copérnico, pelo qual foi interpelado pela Igreja.

A revolução científica pode ser considerada uma grande realização do espírito crítico humano, e acaba concentrando sua atenção na natureza do universo, na ciência da natureza.

Entre os principais pensadores daquele momento, destacam-se:

- **Nicolau Copérnico (1473-1543)**, um sacerdote polonês, propôs a teoria heliocêntrica, que atingia a concepção medieval cristã de que o homem é o ser supremo da criação divina e que, por isso, a Terra é o centro do Universo.
- **Giordano Bruno (1548-1601)** levou adiante a ideia de Copérnico e desenvolveu a concepção de universo infinito. Foi condenado e morreu queimado vivo na fogueira.
- **Galileu Galilei (1564-1642)** nasceu na Itália e é considerado o fundador da física moderna. Defendeu as explicações do Universo a partir da Teoria Heliocêntrica e rejeitou a física de Aristóteles, adotada como verdade absoluta pelo cristianismo. Contribuiu com descobertas científicas, como o aperfeiçoamento do telescópio, e com uma nova postura metodológica de investigação científica: observação, experimentação, uso da linguagem matemática. Questionava a Bíblia e os dogmas tradicionais da Igreja, sendo julgado pelo Tribunal da Inquisição e condenado à fogueira ou a renegar suas concepções científicas. Optou por se retratar, mas continuou fiel às ideias e publicou clandestinamente uma obra que contrariava os dogmas cristãos.
- **Isaac Newton (1643-1727)** nasceu na Inglaterra, físico e matemático, continuou a revolução científica que deu origem à física clássica. Fala de um universo ordenado, como uma grande máquina. Além de física, matemática, filosofia e astronomia, estudou também alquimia, astrologia, cabala, magia e teologia, e era um grande conhecedor da Bíblia.

Considerava que todos esses campos do saber poderiam contribuir para o estudo dos fenômenos naturais. Suas investigações experimentais, acompanhadas de rigorosa descrição matemática, constituíram-se modelo de uma metodologia de investigação para as ciências nos séculos seguintes.

Desenvolvimento do mercantilismo e ruptura da economia feudal

O mercantilismo antecedeu ao desenvolvimento da indústria e trouxe novas necessidades com o surgimento da burguesia, diferentes dos interesses da nobreza.

A Europa viu nascer e florescer uma classe de pessoas que, diferentemente dos antigos nobres e senhores de terras, não estava enriquecendo à custa da produção agrícola e nem no acúmulo de terras. Essa nova classe, a burguesia, começava a ganhar muito dinheiro com a expansão comercial, que genericamente pode ser chamada de mercantilismo.

O mercantilismo foi, como sabemos, responsável pelo enriquecimento europeu, pela consolidação das monarquias absolutistas, mas foi igualmente responsável pela ascensão da burguesia, a qual, a partir dos lucros gerados pela riqueza mercantil, foi tornando-se cada vez mais rica e independente da prática do Estado.

Assim, configurou-se a natureza contraditória do Estado absolutista. As mesmas práticas que levaram ao seu fortalecimento levaram também à ascensão da camada que acabou por destruí-lo.

Essa burguesia ascendente já não aceitava mais o absolutismo e a intervenção do Estado na economia, consubstanciada nos princípios mercantilistas, nem os privilégios cada vez mais onerosos da nobreza, pagos com o dinheiro gerado pela ação econômica burguesa.

Grandes núcleos urbanos e a invenção da imprensa

O surgimento dos grandes centros urbanos levou a novos valores e necessidades, e a invenção da imprensa permitiu que as ideias pudessem ser publicadas e difundidas.

5º Período: Filosofia Moderna (século XVII até meados do século XVIII)

Cognição é o ato ou processo de conhecer, que envolve atenção, percepção, memória, raciocínio, juízo, imaginação, pensamento e linguagem. A palavra tem origem nos escritos de Platão e Aristóteles. *Cognitione*, que significa a aquisição de um conhecimento através da percepção, é o conjunto dos processos mentais usados no pensamento e na percepção, também na classificação, reconhecimento e compreensão para o julgamento por meio do raciocínio para o aprendizado de determinados sistemas e soluções de problemas. De uma maneira mais simples, podemos dizer que cognição é a forma como o cérebro percebe, aprende, recorda e pensa sobre toda informação captada pelos cinco sentidos.

A ciência que se ocupa com o problema do conhecimento, com sua origem, sua natureza, seu valor e limites é a chamada

epistemologia – que vem do grego *epítēme* (ciência) + *logos* (tratado) + *ia* –; ela é sinônimo de gnosilogia – *gnosis* (conhecimento) + *logos* (tratado) – e, também, de Teoria do Conhecimento, e funda-se no estudo reflexivo, crítico e descritivo do conhecimento.

A partir disso, podemos conceituar o conhecimento como sendo uma relação que se estabelece entre o sujeito e o objeto, consistindo na apropriação intelectual de um conjunto de dados empíricos ou ideais, com a finalidade de dominá-los e utilizá-los para entendimento e elucidação da realidade, em que o sujeito apreende um objeto e torna-o presente aos sentidos ou à inteligência.

Um pouco de história:

Racionalismo x Empirismo

Assim como o pensamento renascentista se caracterizou pela decidida ruptura com as convenções medievais e a assimilação de um vasto conjunto de novos conhecimentos e inquietações, o período da Filosofia Moderna, que se iniciou no século XVII, com o avanço do **racionalismo** e do **empirismo** e chegou ao ponto culminante com **Immanuel Kant**, foi marcado pela disposição crítica e o desejo de estabelecer critérios de certeza que validassem o conhecimento. É um período marcado por grandes transformações. Estas transformações e o desenvolvimento da **ciência moderna** levaram o homem a questionar os critérios e os métodos usados para a aquisição do conhecimento verdadeiro da realidade.

A oposição entre o antigo e o moderno fez surgir o problema e os conflitos entre teorias. Faltavam critérios para fundamentar a validade destas. Na busca de tentar estabelecer formas corretas para **conhecer a realidade**, as estruturas de pensamento passaram a ser dissecadas e investigadas pelos principais filósofos do século XVII e XVIII.

O início desse período foi marcado por uma acentuada descrença teórica. Surgiram as seguintes perguntas:

- O homem é capaz de conhecer a verdade?
- Quais são as possibilidades do conhecimento humano?
- O que é conhecer?
- Como o conhecimento é possível?
- O que garante que o conhecimento seja verdadeiro?

Em resposta a essas questões retomou-se dos gregos o **ceticismo**. Ceticismo é a atitude filosófica que duvida da capacidade da razão humana conhecer a realidade exterior e o homem. A descrença em relação ao conhecimento foi resultado do choque entre o pensamento antigo e o moderno. A multiplicidade de opiniões e teorias divergentes produziu um ambiente de dúvida entre os pensadores.

Todas essas mudanças foram o pano de fundo para o surgimento de novas formas de pensar e entender a realidade, rompendo com a visão medieval e antiga. A dúvida fez parte do pensamento da época.

Essa preocupação pela epistemologia, comum às principais escolas da época, levou a concepções filosóficas muito diferentes, de acordo com as mais diversas considerações sobre as relações entre razão e experiência. As estruturas de pensamento passaram a ser investigadas pelos principais filósofos do século XVII e XVIII, destacando-se duas grandes orientações metodológicas: a **racionalista** e a **empirista**, que passam a se constituir nos novos paradigmas da filosofia moderna para conhecer a realidade.

O **racionalismo** propõe que a origem do conhecimento se encontra na **razão**, tido como o único e exclusivo instrumento capaz de conhecer verdades universais. Entre os defensores dessa teoria, os chamados racionalistas, encontra-se o filósofo **René Descartes** (1596-1650), autor da famosa frase: “Penso, logo existo”.

O **empirismo** fundamenta o conhecimento na **experiência**, supervalorizando os sentidos, que desencadeiam e determinam o ato de conhecer. Para os empiristas, a mente humana é uma folha de papel em branco preenchida exclusivamente com os dados providos da experiência sensível (visão, audição, tato, olfato, paladar). Entre os empiristas estão: **Francis Bacon**, autor do Método Indutivo Experimental, e **John Locke**.

Explicando melhor as duas correntes:

Empirismo: o conhecimento emana da experiência sensível

O termo “empirismo” tem sua origem no grego *empeiria*, que significa “experiência” sensorial. O empirismo é considerado uma doutrina relativa à natureza do conhecimento. Restringiu-se amiúde o termo “empirismo” à filosofia clássica moderna, contrastando-se o “empirismo inglês” (Francis Bacon, Hobbes, Locke, Berkeley, Hume) com o “racionalismo continental” (Descartes, Malebranche, Spinoza, Leibniz, Wolff).

Indicou-se por muitas vezes que, para os empiristas modernos, a mente é como que uma espécie de receptáculo no qual se gravam as “impressões” do mundo externo. De um modo geral, o empirismo defende que todas as nossas ideias são provenientes de nossas percepções sensoriais. Em outras palavras, ditas por Locke: nada vem à mente sem ter passado pelos sentidos.

Logo, podemos deduzir que o empirismo defende que o conhecimento humano provém da nossa percepção do mundo externo e da nossa capacidade mental, valorizando a experiência sensível e concreta como fonte do conhecimento e da investigação.

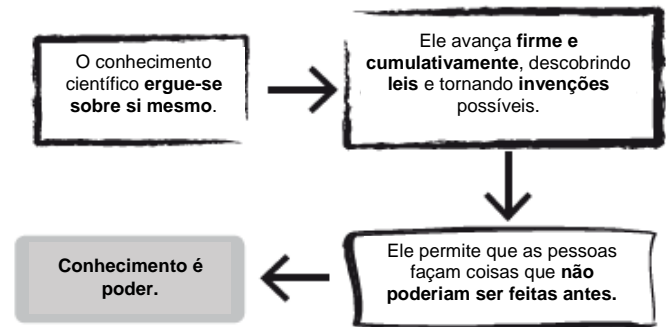
Segundo os empiristas, o conhecimento da razão, da verdade e das ideias racionais é importante, mas, desde que estejam ligados à experiência, pois as ideias são adquiridas ao longo da vida e mediante o exercício da experiência sensorial e da reflexão.

O método empirista baseia-se na formulação de hipóteses, na observação, na verificação de hipóteses com base nos experimentos, provocando uma revolução para a ciência. A partir da valorização da experiência, o conhecimento científico, que antes se contentava em contemplar a natureza, passa a querer dominá-la, buscando resultados práticos.

Principais filósofos: Francis Bacon, John Locke, David Hume, Thomas Hobbes e John Stuart Mill.

- **Francis Bacon (1561-1626):** Nasceu na Inglaterra, mesclou sua vida entre a contemplação filosófica e a agitação da vida política. Ele acreditava que a dedicação exagerada aos estudos, sem uma finalidade prática, era pura vaidade acadêmica e que os estudos não poderiam ser um fim em si mesmo. Para ele, os verdadeiros sábios são capazes de utilizar os conhecimentos de maneira prática, indicando uma visão

pragmática para a ciência e a filosofia. A partir desta compreensão, criou o lema “saber é poder”, pois compreende que o desenvolvimento da pesquisa experimental aumenta o poder dos homens sobre a natureza.



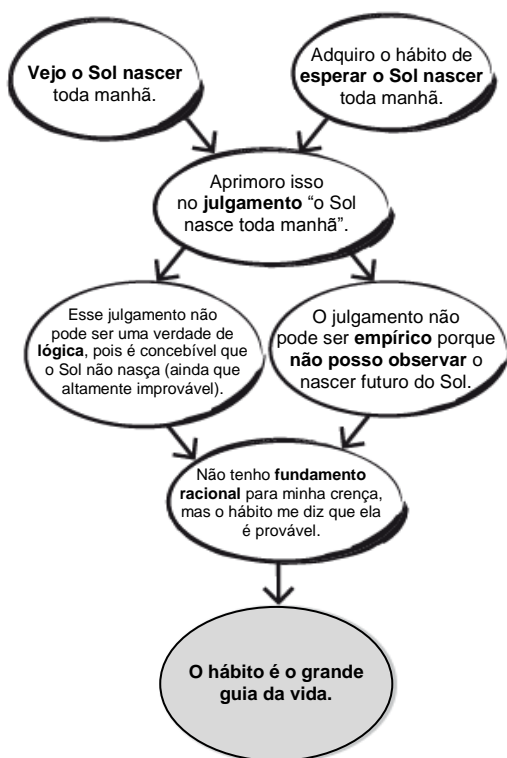
Na sua concepção, que dava extrema importância ao método indutivo e da experimentação, Bacon citou as duas operações básicas pelas quais a indução deve passar: a negativa e a construtiva. Na operação negativa, o sujeito deve se libertar dos erros comuns, causados por tradições com raízes profundas na sociedade e por seus preconceitos. Já a construtiva realiza-se pela descoberta das verdades cientificamente comprovadas, e não apenas postuladas.

O rigor dos experimentos científicos, o uso da razão nos atos do dia a dia, a primazia do método indutivo e ideia de que todo conhecimento tem por finalidade ser posto em prática formam o corpo da obra de Francis Bacon, que marcou a sociedade e influenciou a construção da chamada abordagem científica da administração.

- **John Locke (1632-1704):** Médico inglês, afirmava que, ao nascermos, nossa mente é uma **tabula rasa**, um papel em branco sem nenhuma ideia previamente escrita. De onde provém, então, o vasto conjunto de ideias que existe na mente humana? A isso, Locke responde com uma só palavra: da **experiência**, que resulta da observação dos dados sensoriais por meio de tentativas e erros. Todo o nosso conhecimento está nela fundado. Empregada tanto nos objetos sensíveis externos como nas operações internas de nossas mentes, que são por nós percebidas e refletidas, nossa observação supre nossos entendimentos com todos os materiais do pensamento.



- **David Hume (1711-1776):** É outro pensador que ganhou destaque por seu empirismo “total”. Em seu livro *Ensaio sobre o Entendimento Humano*, o hábito (repetição de um ato qualquer) é que nos leva a crer que o Sol se levantará como sempre se levantou; é o hábito que nos faz prever os efeitos da água ou do fogo ou de qualquer outro fato ou acontecimento natural ou humano; é o hábito que sustém e guia toda a nossa vida cotidiana, dando-nos segurança de que o curso da natureza não muda, mas se mantém igual e constante, de onde é possível regular-se com vista para o futuro. O hábito, como o instinto dos animais, é um guia infalível para a prática da vida, mas não é um princípio de justificação racional ou filosófico. Mas, por que será que espero ver a água ferver quando a aqueço? É porque, responde Hume, aquecimento e ebulição sempre estiveram associados em minha experiência, e essa associação determinou hábito em mim. Aparento antecipar a experiência quando, na verdade, cedo a uma tendência criada pelo hábito. Hume sustenta que a repetição de um fato não nos permite concluir, em termos lógicos, que ele continuará a repetir-se da mesma forma, indefinidamente.



Racionalismo: o conhecimento emana da razão

Em oposição à corrente filosófica anterior temos o **racionalismo francês**. A palavra “racionalismo” deriva do latim *ratio*, que significa “razão”. O termo “racionalismo” é empregado, na filosofia, de muitas maneiras. A **filosofia** se define como conhecimento racional da realidade natural e cultural, das coisas e dos seres humanos. A **razão** é a capacidade intelectual de pensar e exprimir-se correta e claramente, de modo a organizar e ordenar a realidade, os seres, os fatos e as ideias, para assim poder sistematizá-las. Aqui, o termo está sendo empregado para designar a doutrina que deposita total e exclusiva confiança na razão humana como instrumento capaz de conhecer a verdade.

Ou, como recomendou o filósofo racionalista Descartes: nunca nos devemos deixar persuadir senão pela evidência de nossa razão. Os racionalistas afirmam que a experiência sensorial é uma fonte permanente de erros e confusões sobre a complexa realidade do mundo. Somente a razão humana, trabalhando com os princípios lógicos, pode atingir o conhecimento verdadeiro, capaz de ser universalmente aceito. Para o racionalismo, os princípios lógicos seriam inatos na mente do homem. Daí porque a razão deve ser considerada como a fonte básica do conhecimento.

Em síntese, para o racionalismo, o ponto de partida é o sujeito pensante e não o mundo exterior, privilegiando-se a razão em detrimento da experiência do mundo sensível como via de acesso ao conhecimento. O racionalismo considera que o homem tem ideias inatas – ou seja, que não são derivadas da experiência, mas se encontram no indivíduo desde seu nascimento – e desconfia das percepções sensoriais.

O pensamento racional ao introduzir a dúvida no processo do pensamento, introduz a crítica como parte do desenvolvimento do conhecimento científico. O racionalismo foi, dessa forma, a fonte de criação de grandes sistemas metafísicos. São esses princípios da ciência moderna que encontramos hoje.

Principais pensadores: René Descartes, Blaise Pascal, Baruch de Spinoza e Gottfried Wilhelm Leibniz, Friedrich Hegel.

- **René Descartes (1596-1650):** Matemático e filósofo, inventor da geometria analítica. Nasceu na França, em um momento de profunda crise da sociedade e cultura europeia, passando por grandes transformações e rupturas com o mundo anterior. Expôs suas ideias com cautela para evitar a condenação da Igreja. É considerado um dos pais da Filosofia Moderna.



O texto mais famoso de Descartes, o *Discurso do Método*, além de uma sumária exposição do método ou das principais regras do método, é, também, uma autobiografia de Descartes. Nesse texto, não nos diz como devemos proceder para alcançar a verdade, mas como ele, Descartes, procedeu para alcançá-la. Para ele, o importante e o que constitui o preceito metodológico básico apontado em sua obra é que só se considere verdadeiro o que for evidente, ou seja, o que for intuível com clareza e precisão. Descartes acreditava que o método racional é o caminho para garantir o conhecimento de uma teoria científica.

“*Cogito ergo sum*” ou “*Penso, logo existo*” é a frase síntese de sua filosofia. A base de seu método é a dúvida de todas as nossas crenças e opiniões. Para ele, tudo deve ser rejeitado se houver qualquer possibilidade de dúvida.

O pensamento é algo mais certo que a matéria. Ele valorizava a atividade do sujeito pensante em relação ao real a ser conhecido.

Deve-se assinalar, porém, que a oposição entre racionalistas e empiristas não foi tão radical como geralmente se pretende, já que ambas as escolas destacaram o papel da razão como a mais alta faculdade humana – embora divergissem sobre suas limitações – e instrumento essencial para o progresso da sociedade.

O Idealismo Crítico de Kant (ou Criticismo): critérios de certeza que validassem o conhecimento

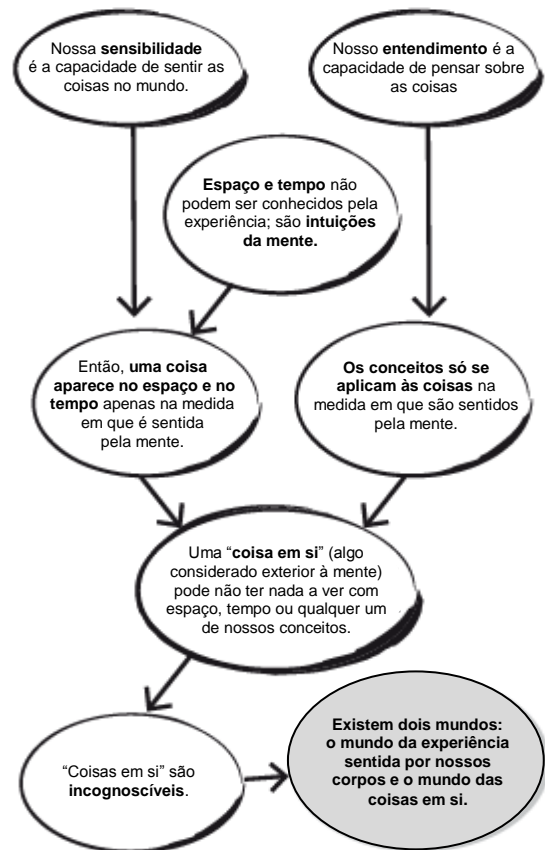
Em sua epistemologia, **Immanuel Kant** (1724-1804) sintetizou as teorias de Descartes e os racionalistas continentais e de David Hume e os empiristas ingleses.

O processo de racionalização, característico da Modernidade, que começara com os renascentistas e com os cientistas, e passara por Descartes e pelos empiristas, podia agora ser compreendido por Kant como um processo que representava o curso natural da evolução da sociedade. Finalmente o ser humano estava apto para raciocinar sobre a própria razão.

Leonardo da Vinci, por exemplo, via nas formas perfeitas da matemática uma maneira de ilustrar a perfeição do corpo humano (*Homem vitruviano*) e, assim, tomou o curso da Teoria da Perfectibilidade. Kant, por sua vez, via na possibilidade do homem chegar à perfeição um processo natural de desenvolvimento rumo ao **esclarecimento**, um processo de evolução pela qual o homem atinge sua **maioridade**, processo que depende não de condições externas, mas da vontade do homem. Só não têm condições de alcançar essa independência os preguiçosos que escolhem permanecer na minoridade sob a tutela intelectual de terceiros.

Embora enfatizando e dando destaque alto à razão e à perfectibilidade humana, Kant e outros filósofos modernos não fizeram nenhuma ruptura dramática dos valores religiosos da Idade Média. Essa ruptura, veremos, só veio com os iluministas franceses, como Voltaire e Diderot, que produziram obras laicas e seculares e, por vezes, extremamente críticas da ação da Igreja e sua influência opressiva na sociedade e interferência no governo.

O Idealismo Crítico de Kant, que considerou o conhecimento como produto da aplicação de certos princípios *a priori* da razão sobre os dados da experiência, afirmou que não se pode conhecer a "coisa em si", mas apenas o fenômeno tal como se apresenta ao entendimento humano. Essa concepção tem sido considerada uma "revolução copernicana" na história da filosofia, por refutar a possibilidade de racionalismo e empirismo radicais e negar a validade de toda metafísica baseada na razão teórica. Pelo contrário, postulou que os objetos da metafísica, como Deus e a alma, pertencem ao terreno da moral ou razão prática e só nela podem encontrar justificação.



Em síntese, com a Filosofia Moderna o homem adquire um enorme poder sobre a natureza e a realidade. Nasce a ideia da experimentação e da tecnologia. Constrói-se o ideal de que o homem pode dominar tecnicamente a natureza e a sociedade.



Exercícios

01. (Enem/2016 – 1ª Aplicação) Nunca nos tornaremos matemáticos, por exemplo, embora nossa memória possua todas as demonstrações feitas por outros, se nosso espírito não for capaz de resolver toda espécie de problemas; não nos tornaríamos filósofos, por ter lido todos os raciocínios de Platão e Aristóteles, sem poder formular um juízo sólido sobre o que nos é proposto. Assim, de fato, pareceríamos ter aprendido, não ciências, mas histórias.

DESCARTES, R. *Regras para a orientação do espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Em sua busca pelo saber verdadeiro, o autor considera o conhecimento, de modo crítico, como resultado da

- A) investigação de natureza empírica.
- B) retomada da tradição intelectual.
- C) imposição de valores ortodoxos.
- D) autonomia do sujeito pensante.
- E) liberdade do agente moral.

02. (Fuvest/2017 – 1ª Fase) Em uma significativa passagem da tragédia Macbeth, de Shakespeare, seu personagem principal declara: “Ouso tudo o que é próprio de um homem; quem ousa fazer mais do que isso não o é”. De acordo com muitos intérpretes, essa postura revela, com extraordinária clareza, toda a audácia da experiência renascentista.

Com relação à cultura humanista, é correto afirmar que

- A) o mecenato de príncipes, de instituições e de famílias ricas e poderosas evitou os constrangimentos, prisão e tortura de artistas e de cientistas.
- B) a presença majoritária de temáticas religiosas nas artes plásticas demonstrava as dificuldades de assimilar as conquistas científicas produzidas naquele momento.
- C) a observação da natureza, os experimentos e a pesquisa empírica contribuíram para o rompimento de alguns dos dogmas fundamentais da Igreja.
- D) a reflexão dedutiva e o cálculo matemático limitaram-se à pesquisa teórica e somente seriam aplicados na chamada revolução científica do século XVII.
- E) a avidez de conhecimento e de poder favoreceu a renovação das universidades e a valorização dos saberes transmitidos pela cultura letrada.

03. (Enem-PPL/2012) Assentado, portanto, que a Escritura, em muitas passagens, não apenas admite, mas necessita de exposições diferentes do significado aparente das palavras, parece-me que, nas discussões naturais, deveria ser deixada em último lugar.

GALILEI, G. *Carta a Benedetto Castelli*. In: *Ciência e fé: cartas de Galileu sobre o acordo do sistema copernicano com a Bíblia*. São Paulo: Unesp, 2009. (Adaptado),

O texto, extraído da carta escrita por Galileu (1564-1642) cerca de trinta anos antes de sua condenação pelo Tribunal do Santo Ofício, discute a relação entre ciência e fé, problemática cara no século XVII. A declaração de Galileu defende que

- A) a bíblia, por registrar literalmente a palavra divina, apresenta a verdade dos fatos naturais, tornando-se guia para a ciência.
- B) o significado aparente daquilo que é lido acerca da natureza na bíblia constitui uma referência primeira.
- C) as diferentes exposições quanto ao significado das palavras bíblicas devem evitar confrontos com os dogmas da Igreja.
- D) a bíblia deve receber uma interpretação literal porque, desse modo, não será desviada a verdade natural.
- E) os intérpretes precisam propor, para as passagens bíblicas, sentidos que ultrapassem o significado imediato das palavras.

04. (Enem/2012)

Texto I

Experimentei algumas vezes que os sentidos eram enganosos, e é prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez.

DESCARTES, R. *Meditações Metafísicas*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

Texto II

Sempre que alimentarmos alguma suspeita de que uma ideia esteja sendo empregada sem nenhum significado, precisaremos apenas indagar: de que impressão deriva esta suposta ideia? E se for impossível atribuir-lhe qualquer impressão sensorial, isso servirá para confirmar nossa suspeita.

HUME, D. *Uma investigação sobre o entendimento*. São Paulo: UNESP, 2004 (adaptado).

Nos textos, ambos os autores se posicionam sobre a natureza do conhecimento humano. A comparação dos excertos permite assumir que Descartes e Hume

- A) defendem os sentidos como critério originário para considerar um conhecimento legítimo.
- B) entendem que é desnecessário suspeitar do significado de uma ideia na reflexão filosófica e crítica.
- C) são legítimos representantes do criticismo quanto à gênese do conhecimento.
- D) concordam que conhecimento humano é impossível em relação às ideias e aos sentidos.
- E) atribuem diferentes lugares ao papel dos sentidos no processo de obtenção do conhecimento.

05. (Enem/2012) Não ignoro a opinião antiga e muito difundida de que o que acontece no mundo é decidido por Deus e pelo acaso. Essa opinião é muito aceita em nossos dias, devido às grandes transformações ocorridas, e que ocorrem diariamente, as quais escapam à conjectura humana. Não obstante, para não ignorar inteiramente o nosso livre-arbítrio, creio que se pode aceitar que a sorte decida metade dos nossos atos, mas [o livre-arbítrio] nos permite o controle sobre a outra metade.

MAQUIAVEL, N. *O príncipe*. Brasília: Ed. UnB, 1979 (adaptado).

Em *O príncipe*, Maquiavel refletiu sobre o exercício do poder em seu tempo. No trecho citado anteriormente, o autor demonstra o vínculo entre o seu pensamento político e o humanismo renascentista ao

- A) valorizar a interferência divina nos acontecimentos definidores do seu tempo.
- B) rejeitar a intervenção do acaso nos processos políticos.
- C) afirmar a confiança na razão autônoma como fundamento da ação humana.
- D) romper com a tradição que valoriza o passado como fonte de aprendizagem.
- E) redefinir a ação política com base na unidade entre fé e razão.

06. (Enem/2010) O príncipe, portanto, não deve se incomodar com a reputação de cruel, se seu propósito é manter o povo unido e leal. De fato, com uns poucos exemplos duros poderá ser mais clemente do que outros que, por muita piedade, permitem aos distúrbios que levem ao assassinio e ao roubo.

MAQUIAVEL, N. *O Príncipe*. São Paulo: Martin Claret, 2009.

No século XVI, Maquiavel escreveu *O Príncipe*, reflexão sobre a monarquia e a função do governante. A manutenção da ordem social, segundo esse autor, baseava-se na

- A) inércia do julgamento de crimes polêmicos.
- B) bondade em relação ao comportamento dos mercenários.
- C) compaixão quanto à condenação de transgressões religiosas.
- D) neutralidade diante da condenação dos servos.
- E) conveniência entre o poder tirânico e moral do príncipe.

07. (Enem/2013) Os produtos e seu consumo constituem a meta declarada do empreendimento tecnológico. Essa meta foi proposta pela primeira vez no início da modernidade, como expectativa de que o homem poderia dominar a natureza. No entanto, essa expectativa, convertida em programa anunciado por pensadores como Descartes e Bacon e impulsionado pelo Iluminismo, não surgiu “de um prazer de poder”, “de um mero imperialismo humano”, mas da aspiração de libertar o homem e de enriquecer sua vida, física e culturalmente.

CUPANI, A. *A tecnologia como problema filosófico: três enfoques*. Scientiae Studia. São Paulo. v. 2, n. 4. 2004 (adaptado).

Autores da Filosofia Moderna, notadamente Descartes e Bacon, e o projeto iluminista concebem a ciência como uma forma de saber que almeja libertar o homem das intempéries da natureza.

Nesse contexto, a investigação científica consiste em

- expor a essência da verdade e resolver definitivamente as disputas teóricas ainda existentes.
- oferecer a última palavra acerca das coisas que existem e ocupar o lugar que outrora foi da filosofia.
- ser a expressão da razão e servir de modelo para outras áreas do saber que almejam o progresso.
- explicitar as leis gerais que permitem interpretar a natureza e eliminar os discursos éticos e religiosos.
- explicar a dinâmica presente entre os fenômenos naturais e impor limites aos debates acadêmicos.

08. (Enem/2013)

Texto I

Há já algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão muito duvidoso e incerto. Era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente a fim de estabelecer um saber firme e inabalável.

DESCARTES. R. *Meditações concernentes à Primeira Filosofia*. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (adaptado).

Texto II

É o caráter radical do que se procura que exige a radicalização do próprio processo de busca. Se todo o espaço for ocupado pela dúvida, qualquer certeza que aparecer a partir daí terá sido de alguma forma gerada pela própria dúvida, e não será seguramente nenhuma daquelas que foram anteriormente varridas por essa mesma dúvida.

SILVA, F. L. *Descartes: a metafísica da modernidade*. São Paulo: Moderna, 2001 (adaptado).

A exposição e a análise do projeto cartesiano indicam que, para viabilizar a reconstrução radical do conhecimento, deve-se

- retomar o método da tradição para edificar a ciência com legitimidade.
- questionar de forma ampla e profunda as antigas ideias e concepções.
- investigar os conteúdos da consciência dos homens menos esclarecidos.
- buscar uma via para eliminar da memória saberes antigos e ultrapassados.
- encontrar ideias e pensamentos evidentes que dispensam ser questionados.

09. (Enem/2013) Até hoje admitia-se que nosso conhecimento se devia regular pelos objetos; porém, todas as tentativas para descobrir, mediante conceitos, algo que ampliasse nosso conhecimento, malogravam-se com esse pressuposto. Tentemos, pois, uma vez, experimentar se não se resolverão melhor as tarefas da metafísica, admitindo que os objetos se deveriam regular pelo nosso conhecimento.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. Lisboa: Calouste-Gulbenkian, 1994 (adaptado).

O trecho em questão é uma referência ao que ficou conhecido como revolução copernicana na filosofia. Nele, confrontam-se duas posições filosóficas que

- assumem pontos de vista opostos acerca da natureza do conhecimento.
- defendem que o conhecimento é impossível, restando-nos somente o ceticismo.
- revelam a relação de interdependência entre os dados da experiência e a reflexão filosófica.
- apostam, no que diz respeito às tarefas da filosofia, na primazia das ideias em relação aos objetos.
- refutam-se mutuamente quanto à natureza do nosso conhecimento e são ambas recusadas por Kant.

10. (Enem/2014) É o caráter radical do que se procura que exige a radicalização do próprio processo de busca. Se todo o espaço for ocupado pela dúvida, qualquer certeza que aparecer a partir daí terá sido de alguma forma gerada pela própria dúvida, e não será seguramente nenhuma daquelas que foram anteriormente varridas por essa mesma dúvida.

SILVA, F. L. *Descartes: a metafísica da modernidade*. São Paulo: Moderna, 2001 (adaptado).

Apesar de questionar os conceitos da tradição, a dúvida radical da filosofia cartesiana tem caráter positivo por contribuir para o(a)

- dissolução do saber científico.
- recuperação dos antigos juízos.
- exaltação do pensamento clássico.
- surgimento do conhecimento inabalável.
- fortalecimento dos preconceitos religiosos.

11. (Enem/2014) A filosofia encontra-se escrita neste grande livro que continuamente se abre perante nossos olhos (isto é, o universo), que não se pode compreender antes de entender a língua e conhecer os caracteres com os quais está escrito. Ele está escrito em língua matemática, os caracteres são triângulos, circunferências e outras figuras geométricas, sem cujos meios é impossível entender humanamente as palavras; sem eles, vagamos perdidos dentro de um obscuro labirinto.

GALILEI, G. *O ensaiador. Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

No contexto da revolução científica do século XVII, assumir a posição de Galileu significava defender a

- continuidade do vínculo entre ciência e fé dominante na Idade Média.
- necessidade de o estudo linguístico ser acompanhado do exame matemático.
- oposição da nova física quantitativa aos pressupostos da filosofia escolástica.
- importância da independência da investigação científica pretendida pela Igreja.
- inadequação da matemática para elaborar uma explicação racional da natureza.

12. (Unicamp/2015 – 1ª fase) A maneira pela qual adquirimos qualquer conhecimento constitui suficiente prova de que não é inato.

LOCKE, John. *Ensaio acerca do entendimento humano*. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p.13.

O empirismo, corrente filosófica da qual Locke fazia parte,

- A) afirma que o conhecimento não é inato, pois sua aquisição deriva da experiência.
 B) é uma forma de ceticismo, pois nega que os conhecimentos possam ser obtidos.
 C) aproxima-se do modelo científico cartesiano, ao negar a existência de ideias inatas.
 D) defende que as ideias estão presentes na razão desde o nascimento.
13. (Unicamp/2015 – 1ª fase) A dúvida é uma atitude que contribui para o surgimento do pensamento filosófico moderno. Neste comportamento, a verdade é atingida através da supressão provisória de todo conhecimento, que passa a ser considerado como mera opinião. A dúvida metódica aguça o espírito crítico próprio da filosofia.

Gerd A. Bornheim. *Introdução ao filosofar*. Porto Alegre: Editora Globo, 1970, p. 11. Adaptado.

A partir do texto, é correto afirmar que

- A) a filosofia estabelece que opinião, conhecimento e verdade são conceitos equivalentes.
 B) a dúvida é necessária para o pensamento filosófico, por ser espontânea e dispensar o rigor metodológico.
 C) o espírito crítico é uma característica da filosofia e surge quando opiniões e verdades são coincidentes.
 D) a dúvida, o questionamento rigoroso e o espírito crítico são fundamentos do pensamento filosófico moderno.
14. (UEL/2005) Mas logo em seguida, adverti que, enquanto eu queria assim pensar que tudo era falso, cumpria necessariamente que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E, notando que esta verdade “eu penso, logo existo” era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos céticos não seriam capazes de a abalar, julguei que poderia aceitá-la, sem escrúpulo, como o primeiro princípio da filosofia que procurava.

DESCARTES, René. *Discurso do método*. Trad. de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 92. Coleção “Os Pensadores”.

De acordo com o texto e com os conhecimentos sobre o tema, assinale a alternativa correta.

- A) Para Descartes, não podemos conhecer nada com certeza, pois tudo quanto pensamos está sujeito à falsidade.
 B) O “eu penso, logo existo” expressa uma verdade instável e incerta, o que fez Descartes ser vencido pelos céticos.
 C) A expressão “eu penso, logo existo” representa a verdade firme e certa com a qual Descartes fundamenta o conhecimento e a ciência.
 D) As “extravagantes suposições dos céticos” impediram Descartes de encontrar uma verdade que servisse como princípio para a filosofia.
 E) Descartes, ao acreditar que tudo era falso, colocava em dúvida sua própria existência.

15. (UFFT-FEPEJE/2010) O período da Revolução Científica é tido pelos historiadores da filosofia e também pelos filósofos da ciência como um movimento que, além de causar uma ruptura epistemológica com o período que o precedeu, mudou por completo a concepção de mundo, do lugar do homem no cosmos e formou um paradigma cuja característica principal é o mecanicismo. Tal período corresponde
- A) à introdução das obras de Aristóteles na Europa por parte dos árabes durante a Idade Média.
 B) aos séculos XVII e XVIII, em que os iluministas reintroduzem a razão como medida de todas as coisas, rompendo com a tradição e afirmando o naturalismo e o cientificismo.
 C) à publicação das obras de Maquiavel (1464-1527), sobretudo *O príncipe* (1513), em que se funda a concepção moderna de política, agora vista como “ciência do poder e da estruturação do poder” – uma ciência autônoma desvinculada da ética e da religião.
 D) ao período que vai da publicação do *De revolutionibus orbium coelestis*, de Copérnico, em 1543, a 1687, quando se publica a obra de Newton, *Philosophiae naturalis principia mathematica*. As ideias presentes nessas obras culminaram nas teses de Galileu e foram respaldadas pela filosofia cartesiana.
 E) ao período que abrange, aproximadamente, a vida de Nicolau de Cusa (1401-1464), cujas obras se faz “a ponte entre a época medieval e o período renascentista”.

Resolução

01. De acordo com o método proposto por Descartes, se desejarmos estender a certeza matemática ao conjunto do saber, devemos seguir quatro regras de utilização da intuição e da dedução:
1. Regra da evidência;
 2. Regra da análise;
 3. Regra da síntese;
 4. Regra da enumeração.

O ponto de partida de Descartes é uma crítica radical a todo o saber humano, por meio do exercício voluntário, metódico e provisório da dúvida, pela qual suspendemos o juízo acerca de tudo que desperta em nós a menor suspeita de incerteza. Levando esse exercício às últimas consequências, a dúvida estende-se à realidade das coisas sensíveis, e aos princípios da ciência universal. O “Penso, logo existo”, o exercício da dúvida detém-se, entretanto, na existência do sujeito pensante, definido como substância imaterial, e necessário por autoevidência, porque pressuposto pelo próprio ato de duvidar.

Resposta: D

02. O Renascimento foi um movimento cultural que nasceu entre as elites de ricas cidades italianas, no século XIV e, se estendeu até o final do século XVI. Seus protagonistas (humanistas = pessoas do clero [igreja], ainda acreditavam em Deus) pretendiam partir da filosofia, da arte dos valores da cultura greco-romana para fundar um novo mundo, por isso o nome Renascimento.

A cultura greco-romana não sumiu durante a Idade Média, ela continuou presente na literatura, nas teorias políticas, na educação etc. A base do humanismo era a importância que o homem adquiria, um movimento nascido nas cidades de Gênova, Veneza e Florença.

Os valores humanistas eram vários, dentre eles: o ser humano como centro do universo, a predominância dos valores da antiguidade clássica e a autonomia da razão. A valorização da razão e do homem e, os estudos dos autores da Antiguidade Clássica favoreceram importantes avanços no conhecimento científico. Podemos afirmar, portanto, que a partir daí desenvolve-se um novo olhar sobre o universo; um maior desenvolvimento de novas ciências; e, conseqüentemente um maior conhecimento do corpo humano.

O Humanismo levou a reformas nos ensinamentos das universidades europeias e ocorreu uma valorização das humanidades (ciências humanas, hoje), que privilegiou o ensino e o estudo da Poesia, Filosofia e História. Os humanistas pretendiam introduzir métodos críticos na leitura e interpretação de obras e desejavam reconstruir os textos originais para corrigir erros, omissões e modificações realizadas pelos monges copistas medievais. O Humanismo, como visto, foi a base teórica e filosófica do movimento renascentista, influenciando o Renascimento artístico, cultural e científico.

Resposta: C

03. Galileu era não só um sujeito capaz da mais convincente retórica, como também um sujeito capaz das afirmações mais difíceis. Perante o forte discurso religioso – forte, porém inapropriado para a ciência –, Galileu cumpriu a delicada tarefa de afirmar uma ciência nova baseada puramente na matemática, distante da fé e de qualquer autoridade que não fosse a experiência.

Galileu e suas ideias desafiaram a Igreja Católica e seus dogmas na época do Renascimento, propondo uma observação do mundo baseada em caracteres matemáticos e astronômicos e não mais religiosos. A passagem da questão ressalta que, para ele, a Bíblia pode ser interpretada de diferentes maneiras e que, para a observação da natureza, ela não tem valor nenhum.

Resposta: E

04. Apesar de os dois filósofos serem divergentes nas suas ideias, os dois tiveram fundamental papel para a Filosofia Moderna. Tanto um como o outro buscavam a resolução de problemas que, na sua época, não tinham explicações e tiveram êxito no que se propuseram a resolver. Ambos possuem argumentos convincentes e difíceis de serem contrariados. Tanto o racionalismo de Descartes quanto o empirismo de Hume são métodos usados na fabricação de soluções de problemas da época, para a obtenção do conhecimento.

Resposta: E

05. A transição da Idade Média para a Idade Moderna foi marcada pelo Renascimento e pelo Humanismo. O Renascimento revigorou a concepção da natureza como um todo orgânico, sujeito à compreensão e influência humanas. À medida que a autoridade eclesial cedia lugar à autoridade secular e que o foco dos interesses voltava-se para a política em detrimento da religião, as rivalidades entre os Estados nacionais e as crises internas demandavam não apenas soluções práticas emergenciais, mas também uma profunda reflexão sobre questões pertinentes à filosofia política. Desse modo, a filosofia política, que por vários séculos esteve dormente, recebeu um novo impulso durante o Renascimento, com as obras de Nicolau Maquiavel.

No trecho escolhido da obra de Maquiavel, podemos perceber uma clara ideia de que o destino do homem é obra de seu próprio talento e de suas próprias virtudes, o que implica uma relação entre o seu pensamento político e o humanismo renascentista, ao conferir confiança na razão autônoma como fundamento da ação humana.

Resposta: C

06. De acordo com Maquiavel (primeiro teorizador do absolutismo), o “poder tirânico” do governante é necessário para manter a ordem no corpo social; por essa razão, a moral do príncipe não deve se pautar pelos valores tradicionais, devendo moldar-se pela conveniência da “razão de Estado”. Segundo Maquiavel, a moral política é marcada pela necessidade de atingir seus propósitos. Assim, a função do príncipe é governar e manter a ordem social, sem se preocupar com a imagem que possam formar de sua pessoa, com a reputação de cruel. Maquiavel defendia o poder absolutista do Estado, com o poder concentrado nas mãos do governante.

Resposta: E

07. O iluminismo foi uma corrente de pensamento que prevaleceu na Europa no século XVIII, denominado século das luzes. Os filósofos iluministas defendiam o predomínio da razão sobre a fé e acreditavam que o progresso e a felicidade seriam o caminho traçado para a humanidade.

O movimento iluminista originou-se no Renascimento cultural, científico e artístico. Para os renascentistas, a razão e a ciência eram as bases para a compreensão do mundo. Para o iluminismo, Deus está na natureza e no homem, podendo ser descoberto pela razão.

Assim sendo, a Igreja não exerceria o papel fundamental para a salvação da alma.

Os filósofos iluministas defendiam a liberdade de expressão dos cidadãos, a liberdade religiosa, acreditavam que todos são iguais perante a lei e que todos têm o direito de defesa contra o abuso das autoridades.

Segundo Descartes, deveríamos duvidar de tudo, ou seja, a dúvida seria a premissa das coisas. Para esse iluminista, a dúvida acabaria através da comprovação científica das coisas ou dos seres.

O segundo pensador, também precursor do iluminismo, foi o inglês Francis Bacon (1561-1626). Considerado o revolucionário do método científico, ou seja, da ciência, foi o responsável por ter criado a experimentação científica, na qual a conclusão deve ser comprovada pela experiência e pela prática.

Resposta: C

08. Os textos de Descartes expressam uma análise do autor sobre as verdades apreendidas, assimiladas e adquiridas; sobre a produção de uma autonomia própria quanto a definição de certezas, ideias e pensamentos, de modo que esse processo recorda muito o fenômeno da dialética, mediante a qual toda opinião firmada necessita ser questionada e mesmo após novas conclusões, essas conclusões prosseguem devendo sofrer o bisturi da dúvida. Desse modo, o método filosófico é perene, constante, ininterrupto. Percebe-se, assim, a evidência que o filósofo estabelece nos dois fragmentos quanto à necessidade de reverificar os conceitos constituídos e construídos ao longo do tempo, sendo os antigos substituídos por novos e esses novos, ao longo do processo, substituídos, reconstruídos, contestados ou reproduzidos sob novas luzes.

Resposta: B

09. Na Crítica da Razão Pura, o filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804) tinha um problema a resolver, que dizia respeito à seguinte questão: como posso obter um conhecimento seguro e verdadeiro sobre as coisas do mundo? A resposta de Kant iria mudar o rumo da Filosofia Ocidental.

Kant chamou de “revolução copernicana” sua resposta ao problema do conhecimento. O astrônomo Nicolau Copérnico (1473-1543) formulou a teoria heliocêntrica – a teoria de que os planetas giravam em torno do Sol – para substituir o modelo antigo, de Aristóteles e Ptolomeu, em que a Terra ocupava o centro do universo, o que era mais coerente com os dogmas da Igreja Católica.

Como pode ser constatado pela observação direta, o Sol se “levanta” e se “põe” todos os dias, o que tornava óbvio, aos antigos, que a Terra estava fixa e que os astros giravam em torno dela. Copérnico demonstrou que este movimento é ilusório, porque, na verdade, a Terra é que gira em torno do Sol.

Kant propôs inversão semelhante em filosofia. Até então, as teorias consistiam em adequar a razão humana aos objetos, que eram, por assim dizer, o “centro de gravidade” do conhecimento. Kant propôs o contrário: os objetos, a partir daí, teriam que se regular pelo sujeito, que seria o depositário das formas do conhecimento. As leis não estariam nas coisas do mundo, mas no próprio homem; seriam faculdades espontâneas de sua natureza transcendental.

De certo modo, Kant tenta provar que tanto os inatistas (os racionalistas, que consideram certas ideias inatas na alma), quanto os empiristas estavam errados. Ou seja, os conteúdos do conhecimento não são inatos, nem são adquiridos pela experiência. Kant postula, que a razão é inata, mas é uma estrutura vazia e sem conteúdo, que não depende da experiência para existir. A razão fornece a forma do conhecimento e a matéria é fornecida pelo conhecimento. Desta maneira, a estrutura da razão é inata e universal, enquanto os conteúdos são empíricos, obtidos pela experiência. Baseado nestes pressupostos, Kant afirma que o conhecimento é racional e verdadeiro.

Resposta: A

10. Descartes era um filósofo cuja característica era o seu temperamento matemático, sua preocupação era com a ordem, a clareza e a distinção.

Preocupava-se também em manter a sua filosofia positiva e concreta, contido de modo simples e claro. Descartes propôs fazer uma ciência essencialmente prática e não especulativa, queria disciplinar a ciência e isso seria possível com um bom método. Esse método seria universal, inspirado no rigor matemático e racionalista.

O objetivo de Descartes era de abranger, em uma perspectiva de conjunto unitário e claro, todos os problemas propostos à investigação científica. O método cartesiano está fundamentado no princípio de jamais acreditar em nada que não tivesse fundamento para provar a verdade. Com essa regra, nunca aceitava o falso por verdadeiro e chegará ao verdadeiro conhecimento de tudo. A razão seria a única coisa verdadeira da qual se deve partir para alcançar o conhecimento.

Resposta: D

11. A principal contribuição de Galileu ao desenvolvimento da ciência moderna está precisamente na combinação do uso da linguagem matemática na construção das teorias, o que lhes dá maior rigor e precisão, com o recurso aos experimentos que permitem comprovar empiricamente as hipóteses científicas.

A noção individual do mundo passa a ser valorizada contra uma visão mais comunal ou religiosa, característica da Idade Média. E esse indivíduo usa a razão para compreender o mundo. A razão, durante a Idade Média, era menos importante do que a fé, era submissa a esta. Surge nesse período a origem do que depois será chamado de ciência. A razão agora será valorizada, mas ainda não será mais importante do que a fé. O conhecimento racional das coisas começa a ganhar corpo para depois triunfar no Iluminismo no XVIII.

Durante o Renascimento e os séculos seguintes, constata-se um grande avanço de todos os campos do conhecimento e da técnica.

Resposta: C

12. Enquanto René Descartes defendia a ideia de que o conhecimento restava primeiramente na razão ou no sujeito de forma inata (por isso defendia o método dedutivo), John Locke foi representante do empirismo, segundo o qual o conhecimento resulta do contato com a realidade empírica, pois a “mente humana”, diria Locke, “era uma folha em branco” (o que significa que o conhecimento não é inato). Assim, Locke defendia o método indutivo na produção do conhecimento.

Resposta: A

13. O ceticismo metodológico foi introduzido pelo filósofo René Descartes no século XVII e esse método surge como resposta ao ambiente de incerteza de seu próprio tempo. Seria preciso construir um saber racional a partir de certezas indubitáveis. Descartes foi considerado o fundador da filosofia moderna.

Resposta: D

14. A afirmação “eu penso, logo existo” nos remete a afirmar que o “eu” não existe porque pensa, mas porque conhece que pensa. O “eu penso” consiste na expressão de uma percepção que o pensamento tem de sua própria realidade, tendo uma intuição intelectual chega-se neste autoconhecimento. O conhecimento da própria natureza como pura inteligência partilha do mesmo valor objetivo do conhecimento que o “eu” tem da própria existência. A dúvida é um ato do pensamento que só é possível se existir um sujeito que o realize. A condição de possibilidade do ato de duvidar é a existência do sujeito que pensa, ou seja, duvidar é um ato que tem de ser exercido por alguém. Esta verdade “Eu penso, logo existo” vai ser o critério ou o modelo de toda e qualquer verdade ou evidência posterior. A generalização e radicalização da dúvida foi motivada pelo desejo de pôr em evidência o caráter único e privilegiado do conhecimento que nenhuma dúvida pode abalar.

Resposta: C

15. Nos séculos XVI e XVII, a visão de mundo aristotélica de um universo orgânico, vivo e espiritual foi substituída pela noção de mundo como máquina, tendo a máquina do mundo se tornado a metáfora dominante da era moderna. Essa mudança ocorreu graças às novas descobertas em física, astronomia e matemática, conhecidas como Revolução Científica e associada aos nomes de Copérnico, Galileu, Descartes e Newton. Nessa perspectiva, a natureza era vista como um mecanismo cujo funcionamento se regia por leis precisas e rigorosas. À maneira de uma máquina, o mundo era composto de peças ligadas entre si que funcionavam de forma regular e poderiam ser reduzidas às leis da mecânica. Uma vez conhecido o funcionamento das suas peças, tal conhecimento é absolutamente perfeito, embora limitado. Dado que o mecanicismo é uma forma de reducionismo, não é de admirar que o principal objetivo de Descartes tenha sido o de unificar as diferentes ciências como se de uma só se tratasse, de modo a constituir um saber universal.

Resposta: D



Anotações